**Apolo e as nove Musas, discantando**

Apolo e as nove Musas, discantando

com a dourada lira, me influíam

na suave harmonia que faziam,

quando tomei a pena, começando:

«Ditoso seja o dia e hora, quando

tão delicados olhos me feriam!

Ditosos os sentidos que sentiam

estar-se em seu desejo traspassando»...

Assi cantava, quando Amor virou

a roda à esperança, que corria

tão ligeira que quase era invisível.

Converteu-se-me em noite o claro dia;

e, se algüa esperança me ficou,

será de maior mal, se for possível.

**Não me deixes!**

Debruçada nas águas dum regato

A flor dizia em vão

À corrente, onde bela se mirava:

"Ai, não me deixes, não!

"Comigo fica ou leva-me contigo

"Dos mares à amplidão;

"Límpido ou turvo, te amarei constante;

"Mas não me deixes, não!"

E a corrente passava; novas águas

Após as outras vão;

E a flor sempre a dizer curva na fonte:

"Ai, não me deixes, não!"

E das águas que fogem incessantes

À eterna sucessão

Dizia sempre a flor, e sempre embalde:

"Ai, não me deixes, não!"

**Lira III**

Tu não verás, Marília, cem cativos

tirarem o cascalho e a rica terra,

ou dos cercos dos rios caudalosos,

ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro

do pesado esmeril a grossa areia,

e já brilharem os granetes de oiro

no fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,

queimar as capoeiras inda novas,

servir de adubo à terra a fértil cinza,

lançar os grãos nas covas.

**Estes meus olhos nunca perderan,**

senhor, gran coyta, mentr’ eu vivo fôr;

e direy-vos, fremosa mia senhor,

d’estes meus olhos a coyta que an:

choran e cegan, quand’alguen non veen,

e ora cegan por alguen que veen.

Guisado teen de nunca perder

meus olhos coyta e meu coraçon,

e estas coytas, senhor, mias son:

mays los meus olhos, por alguen veer,

choran e cegan, quand’alguen non veen,

e ora cegan por alguen que veen.

**Chorai, Ninfas, os fados poderosos**

Chorai, Ninfas, os fados poderosos

daquela soberana fermosura!

Onde foram parar na sepultura

aqueles reais olhos graciosos?

Ó bens do mundo, falsos e enganosos!

Que mágoas para ouvir! Que tal figura

jaza sem resplendor na terra dura,

com tal rostro e cabelos tão fermosos!

Das outras que será, pois poder teve

a morte sobre cousa tanto bela

que ela eclipsava a luz do claro dia?

Mas o mundo não era digno dela;

por isso mais na terra não esteve:

ao Céu subiu, que já se lhe devia.

**O canto do guerreiro**

I

Aqui na floresta

Dos ventos batida,

Façanhas de bravos

Não geram escravos,

Que estimem a vida

Sem guerra e lidar.

— Ouvi-me, Guerreiros,

— Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra,

Quem há, como eu sou?

Quem vibra o tacape

Com mais valentia?

Quem golpes daria

Fatais, como eu dou?

— Guerreiros, ouvi-me;

— Quem há, como eu sou?

III

Quem guia nos ares

A frecha emplumada,

Ferindo uma presa,

Com tanta certeza,

Na altura arrojada

onde eu a mandar?

— Guerreiros, ouvi-me,

— Ouvi meu cantar.

**Lira XXIII**

Não praguejes, Marília, não praguejes

a justiceira mão que lança os ferros;

não traz debalde a vingadora espada;

deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem

as mãos se deram e em seu peito moram.

Manda prender ao Réu, austera a boca,

porém seus olhos choram.

Se à inocência denigre a vil calúnia,

que culpa aquele tem, que aplica a pena?

Não é o Julgador, é o processo

e a lei, quem nos condena.

**"A dona que eu amo e tenho por Senhor**

amostra-me-a Deus, se vos en prazer for,

se non dade-me-a morte.

A que tenh'eu por lume d'estes olhos meus

e porque choran sempr(e) amostrade-me-a Deus,

se non dade-me-a morte.

Essa que Vós fezestes melhor parecer

de quantas sei, a Deus, fazede-me-a veer,

se non dade-me-a morte.

A Deus, que me-a fizestes mais amar,

mostrade-me-a algo possa con ela falar,

se non dade-me-a morte."

**Criou a Natureza damas belas**

Criou a Natureza damas belas,

que foram de altos plectros celebradas;

delas tomou as partes mais prezadas,

e a vós, Senhora, fez do melhor delas.

Elas, diante vós, são as estrelas,

que ficam, com vos ver, logo eclipsadas.

Mas, se elas têm por Sol essas rosadas

luzes de Sol maior, felices elas!

Em perfeição, em graça e gentileza,

por um modo entre humanos peregrino,

a todo o belo excede essa beleza.

Oh! quem tivera partes de divino

pera vos merecer! Mas se pureza

de amor vale ante vós, de vós sou dino.

**Leito de folhas verdes**

Por que tardas, Jatir, que tanto a custo

À voz do meu amor moves teus passos?

Da noite a viração, movendo as folhas,

Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva

Nosso leito gentil cobri zelosa

Com mimoso tapiz de folhas brandas,

Onde o frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,

Já solta o bogari mais doce aroma!

Como prece de amor, como estas preces,

No silêncio da noite o bosque exala.

**Lira I**

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,

que viva de guardar alheio gado,

de tosco trato, de expressões grosseiro,

dos frios gelos e dos sóis queimado.

Tenho próprio casal e nele assisto;

dá-me vinho, legume, fruta, azeite;

das brancas ovelhinhas tiro o leite,

e mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marília bela.

graças à minha Estrela!

**Ai flores, ai flores do verde pino,**

se sabedes novas do meu amigo!

ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,

se sabedes novas do meu amado!

ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,

aquel que mentiu do que pôs comigo!

ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,

aquel que mentiu do que mi há jurado!

ai Deus, e u é?"

**À sepultura del-Rei D. João III**

«Quem jaz no grão sepulcro, que descreve

tão ilustres sinais no forte escudo?»

«Ninguém; que nisso, enfim, se torna tudo;

mas foi quem tudo pôde e tudo teve».

«Foi Rei?» «Fez tudo quanto a Rei se deve;

pôs na guerra e na paz devido estudo;

mas quão pesado foi ao Mouro rudo

tanto lhe seja agora a terra leve».

«Alexandre será?» «Ninguém se engane;

que sustentar mais que adquirir se estima».

«Será Adriano, grão senhor do mundo?»

«Mais observante foi da Lei de cima».

«É Numa?» «Numa, não; mas é Joane

de Portugal terceiro, sem segundo».

**A minha rosa**

A mim! foi a mim que o ouviste?

Eu! — chamá-la minha rosa!...

De certo que é bem formosa,

Entre criança e mulher!

Se a vejo tão jovem inda,

Tão simples, tão meiga e linda,

Da vida no rosicler;

Podia chamá-la — rosa,

De musgo ou de Alexandria,

Rosa de amor, de poesia,

Mais lhe não dava que o seu;

Porque se essa flor mimosa

Já chegaste ao teu retrato,

Havias ver como a rosa

De repente esmoreceu!

Porém teu amor, querida,

Teu amor que é minha vida,

Que é meu cismar, que é só meu;

Esse que te faz formosa

Entre todas as mulheres,

Onde achá-lo?! — Minha rosa...

Minha és tu!... como sou teu.

**Lira V**

Eu não sou, minha Nise, pegureiro,

que viva de guardar alheio gado;

nem sou pastor grosseiro,

dos frios gelos e do Sol queimado,

que veste as pardas lãs do seu cordeiro.

Graças, ó Nise bela,

graças à minha Estrela!

A Cresso não igualo no tesouro;

mas deu-me a sorte com que honrado viva.

Não cinjo coroa d'ouro;

mas Povos mando, e na testa altiva

verdeja a Coroa do Sagrado Louro.

Graças, ó Nise bela,

graças à minha Estrela!

**"Ai dona fea! Foste-vos queixar**

Que vos nunca louv'en meu trobar

Mais ora quero fazer un cantar

En que vos loarei toda via;

E vedes como vos quero loar:

Dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea! Se Deus mi pardon!

E pois havedes tan gran coraçon

Que vos eu loe en esta razon,

Vos quero já loar toda via;

E vedes qual será a loaçon:

Dona fea, velha e sandia!